

# OS FAN ZINEI ROS

BRENO FERNANDES



edipucrs

# OS FANZINEIROS

BRENO FERNANDES

1ª edição

  
edipucrs

2018



Copyright © Breno Fernandes, 2018

Todos os direitos reservados à

**UNIÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA**

(Pontifícia Universidade Católica do RS-Campus Poa)

Avenida Ipiranga, 6681 – Prédio 33

CEP 90619-900 – Porto Alegre – RS

Tel.: (0-XX-51) 3320-3711

E-mail: edipucrs@pucrs.br

**Editora responsável** Darci Jorge Isoppo

**Revisora** Elvira Rocha

**BRENO FERNANDES** graduou-se em Jornalismo e é mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Bahia. Foi colunista de literatura do Caderno Dez! do jornal *A Tarde*, entre 2007 e 2009, e repórter da editoria de cultura do mesmo jornal entre 2009 e 2010. Estreou na ficção infantojuvenil em 2002, aos 15 anos, com *O mistério da casa da colina*.

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

F363f Fernandes, Breno

Os fanzineiros / Breno Fernandes. – Porto Alegre :

EDIPUCRS, 2018.

192 p.

ISBN 978-85-397-1135-2 (do aluno)

ISBN 978-85-397-1139-0 (do professor)

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD 23. ed.

028.5

Lucas Martins Kern – CRB 10/2288

Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS

Desde sua fundação, em 1988, a Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul tem como foco editorial um amplo espectro temático, da ficção à filosofia, das áreas científicas à literatura infantil, buscando a produção de obras de relevância científica, cultural, social ou didática para a comunidade acadêmica e o público em geral.

# Convite à leitura

Dionísio Jacob

Imagine se, no afã de gerar uma notícia de impacto, um repórter simplesmente inventar, exagerar ou não checar as fontes da sua notícia. Aí entramos no terreno delicado da ética jornalística, questão atualíssima, como provam as *fake news*, capazes até de eleger ou derrotar políticos das maiores nações.

Nesta deliciosa história de Breno Fernandes, esse tema é desenvolvido com muito humor (e também com muito drama) no contexto de uma pequena cidade interiorana. E os repórteres em questão formam um desconhecido, mas carismático, grupo de adolescentes que decide criar um fanzine para “mostrar ao mundo o que você pensa e, principalmente, se divertir fazendo isso”.

Logo nas primeiras páginas nos tornamos amigos íntimos do Mino, da Alana, da Gigi e do Barrão, graças ao modo afetivo com que o narrador vai apresentando os personagens. Eles estão lá inteiros e vivíssimos, com suas dúvidas, inquietações e receios (que acabam sendo os nossos também). O que não impede que tenham um genuíno entusiasmo em participar da vida da cidade onde moram, da escola que frequentam, de noticiar e ser notado, de mostrar a cara, enfim.

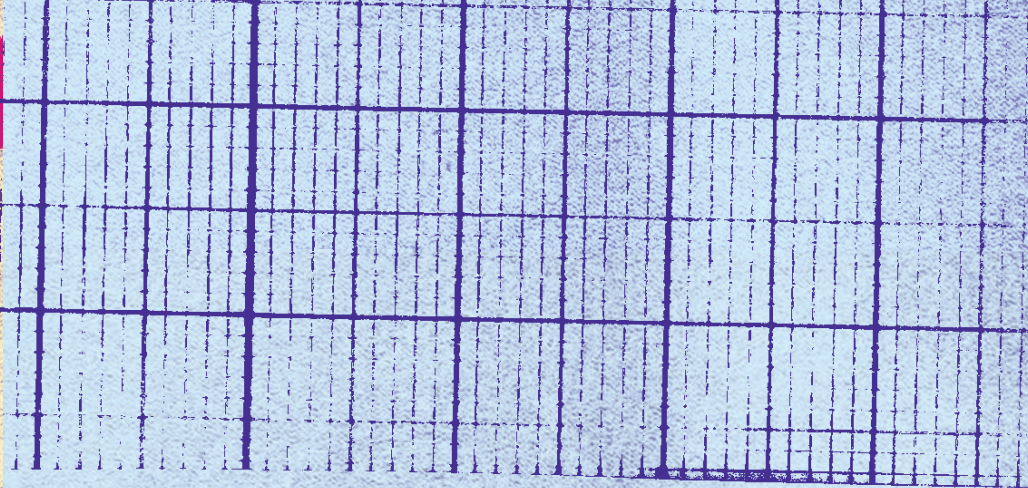
O fanzine criado por eles causa um inesperado impacto, agitando a vida da cidade. Mas a história vai além do tema jornalístico, envolvendo questões atuais como o *bullying* — tema universal que atravessa oceanos e se faz presente onde quer que haja uma escola ou um grupo de pessoas. Ainda mais nestes tempos de redes sociais, ele acaba tomando uma proporção perigosa, podendo provocar danos morais muito sérios.

Breno costura elementos ricos em dramaticidade numa prosa afiada, bem alinhavada, misturando literatura e jornalismo num texto enxuto, cheio de humor e com uma trama envolvente. E todas essas questões universais são tingidas com uma coloração de festividade, com a mistura tão brasileira de uma língua portuguesa que aceita contribuições de imigrantes de todo o mundo.

E, por isso, a imagem que fica quando terminamos o livro é a de uma grande celebração da amizade: a melhor maneira que temos para vencer o mal do mundo.

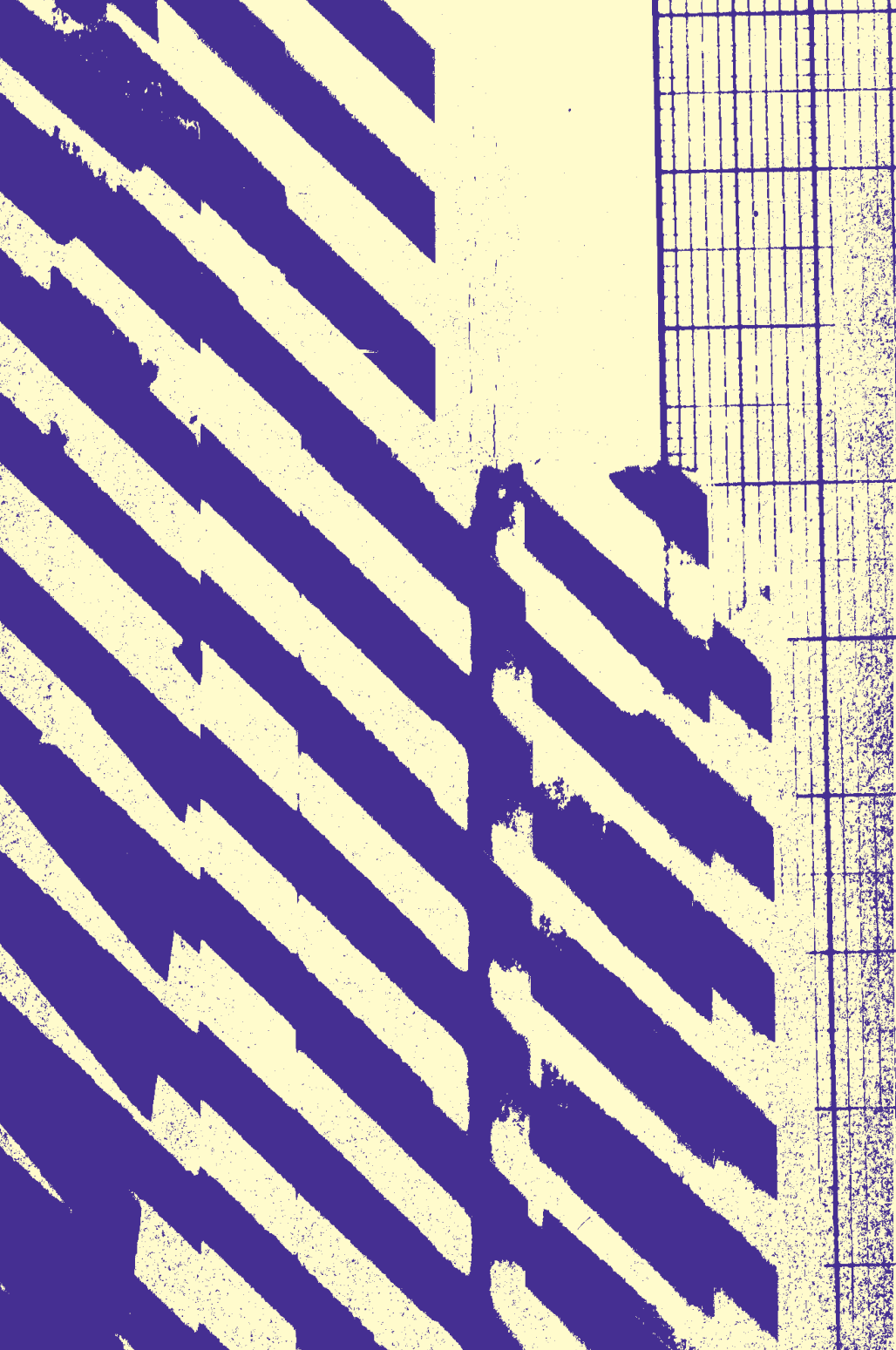
Adorei *Os fanzineiros*. É o tipo de livro que a gente começa a ler e não consegue parar. Convido todo mundo a compartilhar esse prazer.





*Para Fafe,  
que me deu de presente a  
ideia inicial deste livro.*

*Para Betta e Ste,  
fratelli italiani.*



- 1 *Ciao* 9
- 2 De primeiro para último colocado 15
- 3 Preparando a boneca 23

### ***Ciao nº 1***

- 4 O lançamento 43
- 5 Os novos integrantes do expediente 47
- 6 A vingança 57

### ***Ciao nº 2***

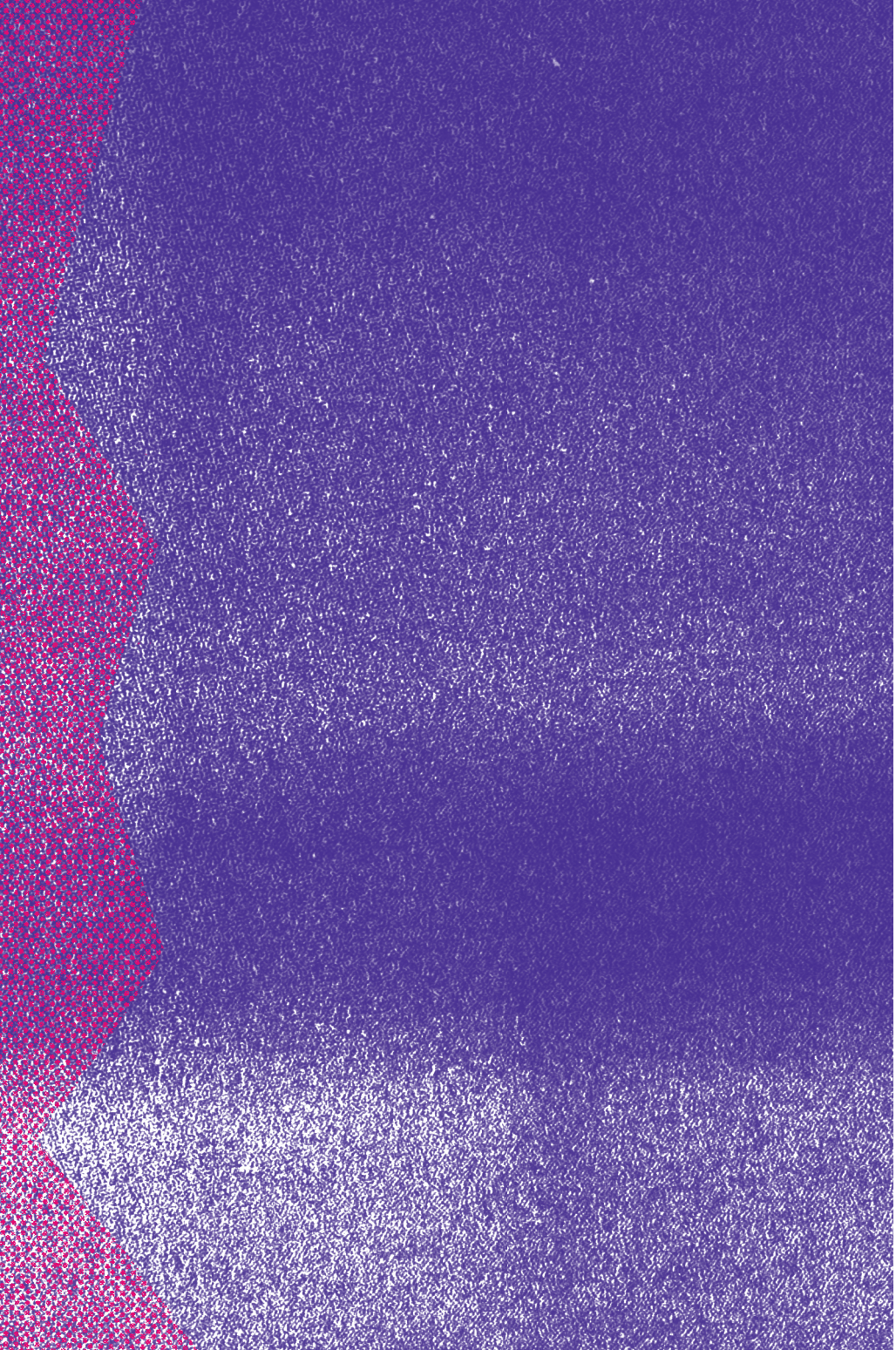
- 7 A repercussão começa 73
- 8 Cidade sitiada 81
- 9 Confissões 95

### ***Ciao Extra***

- 10 A punição 109
- 11 O visitante da madrugada 121
- 12 Maio 125
- 13 O bilhete 137
- 14 Cavallhada 147
- 15 Geladinho na praça 161

### ***Ciao nº 3***

- Sobre o autor 183
- Informações paratextuais 184



# 1

## CIAO

**QUANDO DECIDI FAZER UM FANZINE,** sabia que aquilo iria dar o que falar, mas não imaginava que eu fosse me meter em tamanha confusão e viver a aventura do ano.

Era início de março e do ano letivo. A melhor parte da volta às aulas, para mim, sempre foi a estreia do novo material escolar. Costumava comprar minhas coisas na capital e, daquela vez, estava orgulhoso de começar o 9º ano com um caderno grossão, de capa dura e vinte matérias. Os mais velhos diziam que a gente precisaria de cerca de cinco matérias só para Matemática, porque a mistura de letras, números e gráficos tomava dimensões colossais no último ano do Fundamental.

Mais vaidoso ainda eu estava do meu estojo completo, de zíper, com lapiseira, esferográfica, borracha, régua, esquadro, transferidor, compasso, hidrocor, carimbo, giz de cera e lápis de cor — tudo organizadinho, preso por tiras de elástico. Além de bonito, eu sabia que ele seria

útil para o plano que eu tinha começado a arquitetar nas últimas semanas de férias: *criar o meu fanzine*.

Foi meu primo da capital, Joaquim, quem me mostrou um fanzine pela primeira vez.

— É uma espécie de jornalzinho, Mino, sem o compromisso de tratar de temas que a gente costuma ver no jornal — explicou ele. — É legal pra publicar textos sobre um assunto de que você goste, fazer entrevistas, colocar o material que quiser. Olhe este, todo de desenhos e tirinhas.

— “Fanzine” é uma palavra engraçada. Parece nome de menina, né?

O primo riu.

— É inglês. O cara que inventou esse nome só juntou a palavra *fan* com um pedaço da palavra *magazine*, e pronto: fanzine, revista do fã. Isso porque os primeiros fanzines eram feitos por fãs de ficção científica; a galera publicava resenhas de livros, filmes e também histórias que eles próprios escreviam. A ideia pegou, e outros aficionados começaram a fazer fanzines sobre tudo quanto é tema: quadrinhos, música, cinema, o que você imaginar.

Da pilha de papéis ao nosso lado, ele apanhou dois volumes.

— Além de colecionar, eu também sou fanzineiro. Este aqui é sobre uma banda de rock de que eu e uns amigos gostamos. É coisa de fã mesmo. Mas este outro traz só notícias aqui do condomínio. Tem até uma coluna de fofocas sobre quem ficou com quem.

— No caso, vocês são fãs do, hã... do condomínio? — Fiquei com um pouco de raiva da gargalhada de Joaquim; eu só estava tentando entender melhor tudo aquilo.

— É o seguinte: o nome colou, mas você pode fazer um fanzine sem tratar necessariamente de temas dos quais você seja fã. — Ele fez uma pausa. — Escute, Mino, o fanzine serve pra duas grandes coisas...

— ... Mostrar ao mundo o que você pensa e, principalmente, se divertir fazendo isso. — Eu agora repetia as palavras do primo a Alana, caprichando na impostação da voz. Segurando o geladinho de acerola entre os dentes, ela aplaudiu a frase.

— Bravo! Bravíssimo! Certamente, a melhor ideia que você já teve. Olhe, Mino, eu escrevi uma redação nessas férias e queria publicar no seu fanzine. O título é “Ser garota”. Pode?

— Claro! O fanzine é nosso, rapaz!

— Não me chame de *rapaz*! — o cascudo dela foi mais rápido que meus reflexos. — Já basta o meu *babbo* dizendo que eu tenho modos de menino.

Alana cruzou os braços e fez bico. Então lhe ofereci meu ombro, sobre o qual minha amiga recostou a cabeça. Assim desprevenida, apliquei-lhe um ataque de cosquinhas até ela se engasgar de rir.

A gente estava na Praça do Avião, no coração de Pouso Forçado, centro dos xis formado pelo cruzamento das quatro avenidas principais. O local tinha esse nome por causa do monumento que o fundador da cidade havia

mandado pôr ali: um avião feito de cobre, com bancos e sombra embaixo das asas para nos protegermos do sol forte do meio-dia. Na saída da escola, era de lei pararmos na praça, a fim de estragarmos o apetite do almoço, escondidos dos nossos pais, com um saboroso geladinho do *point* da cidade, a Lanchonete Ficata.

— Precisamos de um nome para o fanzine — falei, e pusemos a cachola para funcionar. Surgiram alguns títulos: *Zine 13* (em homenagem à nossa idade), *Pouso Fanzine* (em homenagem à nossa cidade), *Minalana* (em homenagem a nós mesmos). De repente, Alana ficou agitada e começou a chacoalhar as mãos, usando os dez dedos para apontar algo no monumento.

Primeiro fitei o pedestal, em que havia uma placa com os dizeres:

Aqui, em 27 de agosto de 1952, o aviador  
italo-brasileiro Stenio **STRONZO** fez o pouso  
forçado que deu origem a esta cidade.

— *Stronzo?* — indaguei, sério, pronunciando a palavra como em italiano, o zê com som de *ts*. — Que moral a gente vai ter?

— *Stronzo* é você! Lá em cima, leia. — Com o dedo indicador encostado ao meu rosto, ela guiou os meus olhos até o corpo do avião. — *Ciao!* — Alana também se valeu da pronúncia italiana, “tchau”. — Você mesmo sabe a confusão que as pessoas de fora fazem quando ouvem a gente falar “*ciao*” em vez de “oi”. A gente sempre tem de explicar que é italianismo; que serve tanto pra “olá” quanto pra

“tchau”; que é costume daqui porque blá-blá-blá... Mais pouso-forçadense que isso, impossível!

E não é que gostei?

— É um bom nome, sim! — eu disse. — O primeiro número do *Ciao* pode ter um texto contando a origem da cidade. A gente já estudou isso. Foi quando eu descobri por que minha rua se chama Avenida Hotel, sendo que nunca existiu nenhum hotel nela, por causa do...

— Por causa do apelido que o alfabeto ganha na aeronáutica, ora! Sua rua fica na direção da hélice do monumento. “Hélice” começa com agá, agá é “hotel” em pilotês. É que nem minha rua, que se chama Charlie porque “cauda” começa com câ, e câ é “Charlie”. — Alana bateu o indicador, de leve, duas vezes contra a têmpora. — Tá pensando o quê? Sou boa aluna!

— A gente podia entrevistar a pró Ediara para o fanzine.

— E a sua *nonna*, que foi amiga de Stenio, né? — ela me lembrou da vó.

Nesse instante, porque Barrão passava por nós, paramos de falar. Pedalando sua bicicleta de dezoito marchas, nosso colega de sala fitou o banco onde estávamos e nos saudou com um balançar de cabeça milimétrico, bem a seu feitio. Nós o cumprimentamos de volta, com *ciaos*, acenos de mão e um sorriso amarelo da parte de Alana.

De soslaio, vi minha amiga abaixar a aba do boné rosa e seguir Barrão com o olhar. Enchi de ar o plástico vazio do geladinho e o estourei ao pé de seu ouvido. Ela pulou. Dessa vez meus reflexos foram mais rápidos: apanhei a mochila e saí correndo, rumo a casa.

— *Ciao, stronza!* — despedi-me com uma careta.

